

1. INTRODUÇÃO

Em 2005, o Esporte Clube Vitória passou pelo pior momento da sua história recente: o time de futebol profissional foi rebaixado para a Série C do Campeonato Brasileiro, terceira e última divisão do Brasileirão – até 2009, quando a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) criou a Série D. A queda fez com que o Leão passasse por uma reformulação em sua diretoria, fazendo com que um novo grupo político assumisse o comando do clube. Tais gestores levaram o Vitória de volta à Série A dois anos depois e continuam no clube desde então, alternando boas e más campanhas nas duas primeiras divisões. Ao contrário do grupo anterior, a nova chapa – que, nas últimas eleições, foi eleita como a Chapa 13 de Maio – passou a estabelecer uma linha de contato maior com a torcida. O Vitória tem, segundo o Movimento Por Um Futebol Melhor, pouco mais de 7,7 mil sócios-torcedores, sendo que cerca de dois mil destes foram aptos a votar nas últimas eleições para a gestão do clube. Além de permitir que os sócios votem e se candidatem nas eleições, existe um maior contato diário da administração do Vitória com os torcedores. A Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI) e a Camisa 12 (C12) têm representantes entre os 350 conselheiros do clube e permanecem com tal poder, de acordo com o estatuto do próprio clube, até 2016, quando acontecerão novas eleições.

No futebol brasileiro, poucas equipes seguem o mesmo caminho do Vitória. Apesar dos programas de sócios-torcedores serem um dos principais focos dos clubes, se estabelece um afastamento cada vez maior das torcidas organizadas. Tais grupos são muito associados à violência praticada por alguns de seus integrantes, que já causou tragédias no futebol brasileiro e punições severas aos clubes. As novas arenas futebolísticas também são um dos empecilhos para a existência de tais organizações, já que os lugares são marcados e isso torna mais difícil que as organizadas permaneçam unidas durante as partidas. A falta de apoio e as constantes críticas dos torcedores que não fazem parte de tais agremiações também impossibilita a proximidade das torcidas com os clubes, já que tal presença pode criar atritos com a maior parte dos fãs. No caso do Vitória, que tem cerca de 1,6 milhão de torcedores no país, os membros das três principais torcidas organizadas somam mais de 4 mil. O número parece pequeno dentro do universo geral, mas dentro do Estádio Manoel Barradas, que tem capacidade para 35 mil pessoas, faz a diferença.

Eu nunca fui filiada a nenhuma torcida organizada. No entanto, sou torcedora do Vitória e reconheço que a presença destes grupos no estádio fortalece o time de um jeito que o

restante da torcida não consegue. Os instrumentos, os cânticos, o apoio e a dedicação destes torcedores são, muitas vezes, mais do que boa parte dos rubro-negros pode oferecer. As críticas também são necessárias, e as organizadas do Vitória, mais próximas da diretoria e do dia a dia do clube, mantêm os protestos de forma pacífica. Todos os entrevistados para a produção desta reportagem foram claros: o objetivo deles, da diretoria e do restante da torcida é fazer do Leão um clube cada vez mais forte. A minha intenção, com o desenvolvimento deste trabalho, é investigar a relação entre o clube e cada parte da torcida para conhecer as vantagens e desvantagens desta associação, tão incomum no cenário atual brasileiro.

2. O TEMA

A principal referência com relação ao surgimento de torcidas organizadas no Brasil é “Torcidas Organizadas de Futebol”, de Luiz Henrique de Toledo. O livro, de 1996, relata o surgimento destes agrupamentos no Brasil. O autor trabalha o tema sob um ponto de vista antropológico e avalia, principalmente, o processo de surgimento e a dinâmica de tais grupos em todos os espaços. Apesar de observar principalmente o cenário de São Paulo e Rio de Janeiro, o livro permite que o leitor entenda a essência de tais grupos. Segundo Toledo, os primeiros grupos de torcedores organizados ou uniformizados surgiram entre o fim dos anos 30 e o início dos anos 40 em São Paulo, com a Torcida Uniformizada do São Paulo. Os grupos, na época, eram vinculados aos times ou surgiam do empenho de torcedores independentes. O objetivo, no entanto, era o mesmo: “torcer para o time, não importando mais nada”.

Em São Paulo, a primeira notícia que se tem sobre agrupamentos de torcedores organizados ou uniformizados data do fim dos anos 30 e começo dos anos 40. Em 1940, Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel fundam a Torcida Uniformizada do São Paulo, considerada por muitos a mais antiga do Brasil, inspirada e originada no Grêmio São-Paulino, fundado em 1939 por Manoel Raymundo Paes de Almeida. (TOLEDO, 1996, p. 22)

Mesmo que as organizadas do Vitória sejam independentes, tais organizações remetem aos primórdios. Enquanto a diretoria do rubro-negro baiano se mantém próxima das torcidas para dialogar, antes as organizadas eram vinculadas aos clubes como instituições.

Naquela época os agrupamentos torcedores eram vinculados aos times, geralmente a alguém envolvido com a organização institucional do futebol (político, dirigente, funcionário de ligas ou federações de futebol) ou ainda oriundos da atividade e do empenho pessoal de alguns indivíduos. O único objetivo de cada um era torcer para o time, ‘não importando mais nada’. (TOLEDO, 1996, p. 23)

A partir dos anos 70, época em que o futebol passou a tomar uma dimensão ainda maior com a conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira, a emergência das torcidas organizadas passou a ser associada pelos cronistas às ambições de dirigentes e políticos e às gangues políticas, cenário que problematizou a vinculação dos clubes às organizadas. Além disso, o aumento do número de ocorrências dentro e fora das arenas fez com que os clubes passassem a se dissociar das torcidas organizadas.

“Para alguns, as Torcidas Organizadas constituem-se em verdadeiros braços armados de dirigentes de clubes de futebol, de onde teriam se originado. Ou mesmo constituem-se em eficazes cabos eleitorais de políticos. (...) É corrente também associá-las a gangues juvenis, que promovem a desordem e

o caos urbano, afugentando outros torcedores dos estádios de futebol, depredando equipamentos urbanos, congregando desocupados, malandros e marginais de toda espécie.” (TOLEDO, 1996, p. 28)

O artigo de 2011 “Os facilitadores da agressão em estádios de futebol no Brasil”, de Renato Paes de Andrade e Eduardo Paes Machado discute razões que podem incentivar a ocorrência de casos de violência nos estados brasileiros. Os casos de conflitos entre torcedores, normalmente organizados, são facilitados por diversos fatores, na seguinte ordem de importância:

1 - a importância da partida a ser disputada entre os clubes e a rivalidade entre as equipes; 2 - a fase pela qual o clube passa no campeonato; 3 - o local e a divisão das torcidas dentro dos estádios; 4 – o padrão de policiamento; 5 - o uso livre de álcool; 6 – a conduta do juiz; 7 - o papel da mídia; 8 - a presença feminina. (ANDRADE, MACHADO; 2011)

A questão da segurança dos estádios, o uso de álcool e a presença de torcedores dos dois times no estádio são temas amplamente discutidos pela mídia e pelos próprios torcedores. Em 8 de dezembro de 2013, dia da última rodada do Campeonato Brasileiro daquele ano, torcedores de Atlético-PR e Vasco da Gama se envolveram em uma briga generalizada nas arquibancadas. O jogo era realizado em Joinville, em Santa Catarina, porque os atleticanos haviam sido penalizados com a perda de dois mandos de campo por conta de incidentes entre torcedores atleticanos e do Coritiba no Estádio Durival de Britto. No duelo entre os rubro-negros e alvinegros, no fim do ano, as duas torcidas entraram em conflito. Às vésperas da partida, a atuação da Polícia Militar havia sido vetada na área interna da Arena Joinville, e apenas 100 seguranças contratados trabalhavam no local. A ausência da polícia militar em um jogo importante – que rebaixou o Vasco à segunda divisão –, de acordo com os veículos de mídia, pode ter sido um dos motivos que levou à confusão.

O artigo das advogadas Isabela Bittencourt e Tainá Meinberg, “A responsabilidade das torcidas organizadas perante os episódios de violência nos estádios”, volta a relacionar estes grupos aos casos de violência. Meu objetivo, com a reportagem, não é negar a eles a responsabilidade; no entanto, é preciso avaliar também o lado positivo destes grupos. Além disso, por mais que alguns clubes se afastem das torcidas, existe uma necessidade de controle que vai mais além do que a organizada e os seus diretores, presidentes ou chefes. “É de se destacar que essas associações contam com um número elevado de membros, que em geral mantêm o objetivo da organização e promovem a melhoria do espetáculo das torcidas. No entanto, uma minoria de associados insiste em fazer dessas reuniões de torcedores um escudo para promover a violência e o vandalismo”, explicam.

Segundo o artigo 5º da Constituição, que trata dos direitos e deveres individuais e coletivos, o direito de associação é um direito fundamental do ser humano, “estando intimamente ligado à ideia de liberdade que confere à pessoa o direito de agir, de atuar livremente com autonomia de vontade”, dizem as autoras.

XVII - é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar;

XVIII - a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento;

XIX - as associações só poderão ser compulsoriamente dissolvidas ou ter suas atividades suspensas por decisão judicial, exigindo-se, no primeiro caso, o trânsito em julgado;

XX - ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado;

XXI - as entidades associativas, quando expressamente autorizadas, têm legitimidade para representar seus filiados judicial ou extrajudicialmente; (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

As torcidas organizadas existem em seu próprio direito e são regulamentadas, principalmente, pelo Estatuto do Torcedor. A Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003 foi incrementada pela Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010. Esta última dispõe sobre as medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência. Sobre as torcidas organizadas, a Lei implementa que tais agremiações devem manter um cadastro atualizado dos membros e fornecer tais dados às entidades responsáveis, como o Ministério Público, sempre que necessários. Com tal banco de dados e o aumento da tecnologia utilizada para a segurança das novas arenas, as entidades responsáveis podem identificar com mais facilidade aqueles membros das torcidas que estejam envolvidos em atividades como danificar o local e se envolver em conflitos. Além das punições judiciais, cabe aos clubes e às próprias torcidas organizadas punir os malfeitores. Em alguns casos, os indivíduos identificados são banidos dos estádios e têm sua filiação ao clube ou à torcida encerrada. Mesmo assim, os atos de vandalismo ou violência podem se transformar em punições para as torcidas organizadas.

Dessa forma, é de se ressaltar que em eventos de violência, há uma real necessidade de se estender as punições legalmente previstas a essas entidades torcedoras, que no atributo de suas funções se tornam responsáveis pelos atos daqueles que a compõe, não apenas por assim prever o Estatuto do Torcedor, mas também pela inerente posição jurídica de associação. (BITTENCOURT, MEINBERG, 2013)

A análise dos veículos jornalísticos sobre o comportamento das torcidas de Bahia e Vitória foi tema da tese de doutorado do jornalista Paulo Roberto Leandro. "Ba-Vi: da

assistência à torcida. A metamorfose nas páginas esportivas" trata, entre outros aspectos, da influência das torcidas organizadas sobre o comportamento dos outros torcedores até na hora de escolher o lugar, no estádio, de onde vão acompanhar a partida. O autor usa os conceitos de topofilia e topofobia, apresentados por Giolianotti e levados à pesquisa por Bale. Topofilia é a sensação de que o torcedor está em um ambiente familiar no estádio onde a partida acontece, enquanto a topofobia, normalmente, acontece no estádio do rival.

O posicionamento da torcida é uma estratégia de ordenamento do espaço físico que produz uma maior sensação de segurança e aconchego, fortalecendo a topofilia. Ficar mais próximo dos companheiros de torcida, em oposição aos adversários, é uma ideia útil, caso ocorra um enfrentamento, e também inspira a afeição daqueles que partilham de sentimentos comuns de amor ao time favorito e ódio extremo ao rival. (LEANDRO, 2011)

As torcidas organizadas ainda são tema do livro-reportagem do jornalista Eric Luís Carvalho, que trata sobre a rivalidade entre a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, do Vitória, e a Torcida Organizada Bamor, do Esporte Clube Bahia. O trabalho de Carvalho foi voltado, principalmente, para as questões violentas que norteiam a relação entre as duas agremiações. O autor também foi entrevistado para o desenvolvimento deste trabalho, tendo em vista que ele acompanhou o universo das torcidas organizadas entre 2006 – quando ocorreu a primeira morte relacionada a tal rivalidade na capital baiana – e 2010, quando o seu livro foi finalizado. Eric ainda trabalha como jornalista esportivo no GloboEsporte.Com/BA, o maior domínio do jornalismo esportivo no estado, uma página da Rede Globo voltada para o futebol e os esportes interessantes ao público baiano. Já Tarcyane Cajueiro Santos, autora de “Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas”, leva a discussão de volta para o campo antropológico. Tarcyane se debruça sobre o futebol para entender o reflexo das mudanças no mundo do futebol sobre as torcidas organizadas. A autora trabalha, principalmente, com uma análise das torcidas Gaviões da Fiel, do Corinthians, e Mancha Alviverde, do Palmeiras. Tarcyane busca outros fatores que interfiram no comportamento dos membros e líderes das torcidas, além de abordar a própria composição das torcidas.

Há pessoas de diversos níveis sócio-econômicos e idades (algumas chegando inclusive a fazer carreira dentro delas), entretando, a maioria dos que frequentam as torcidas organizadas são jovens de baixo poder aquisitivo, excluídos dos grandes circuitos de consumo do Estado paulista. A presença deles nas organizadas não seria uma tentativa desses jovens mostrarem à sociedade, principalmente, através dos media, que eles existem? (SANTOS, 2004)

O fato de as torcidas organizadas serem compostas, em sua maioria, por torcedores jovens de baixo poder aquisitivo leva, também, a entender por que tais agremiações lutam tanto para manter os benefícios de ingressos grátis ou a baixo custo. No caso do Vitória, os líderes de torcidas organizadas utilizaram este argumento para justificar a proximidade com o clube, apesar de alguns deles garantirem que podem se manter mesmo sem o apoio do clube. Já o Vitória garantiu que a relação com as agremiações é puramente institucional.

3. OS MEIOS

Durante o desenvolvimento do meu trabalho, ainda não tinha muita certeza do formato no qual ele seria apresentado. Embora um livro-reportagem fosse a minha ideia inicial, acreditava que uma série de reportagens apresentada de outra maneira, mais concisa e não tão literária, seria o ideal. No entanto, o processo de produção foi o mesmo: pesquisa nos canais oficiais de comunicação das torcidas organizadas e do próprio clube, além de entrevistas baseadas em casos recentes e perguntas que me ajudassem a entender a relação entre o Esporte Clube Vitória e estas entidades criadas em torno dele. Logo de início, o livro “A reportagem – teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística”, de Nilson Lage (2011), foi fundamental para ajudar no processo de criação e elaboração das pautas e no relacionamento com as fontes. Além disso, o texto de Lage me auxiliou na hora de desenvolver as entrevistas. Por meio do seu sistema de classificação das entrevistas sob a ótica dos objetivos e das circunstâncias de realização permite que o entrevistador se organize para que ocorra um mínimo de imprevistos. De acordo com Lage, as entrevistas podem ser catalogadas da seguinte maneira:

- a) Do ponto de vista dos objetivos: ritual, temática, testemunhal e em profundidade.
- b) Quanto às circunstâncias de realização: ocasional, confronto, coletiva e dialogal.

As entrevistas realizadas para o desenvolvimento da reportagem "Amor assim nunca se viu: As torcidas organizadas do Vitória" se caracterizam como temática e dialogal. As conversas foram antecipadas, agendadas e o assunto discutido foi o principal objetivo. As entrevistas aconteceram presencialmente, via telefone, e-mail ou mensagens, mas todas foram pensadas de forma a colocar o entrevistador como um ouvinte, um participante da conversa, e não um confrontador. Acredito que o fato de o trabalho ser de caráter experimental e voltado não para um público externo, mas apenas para a Universidade, permitiu que as fontes se sentissem mais à vontade para discutir assuntos polêmicos. O fato de ser um trabalho acadêmico também permitiu que os líderes de torcida, que nem sempre falam com a imprensa, pudessem expressar os seus pensamentos sobre o Vitória sem risco de expor as suas próprias figuras e/ou as torcidas.

Temática - aborda um tema, sobre o qual se supõe que o entrevistado tenha condições e autoridade para discorrer. (...) Pode servir para ajudar na compreensão de um problema, expor um ponto de vista, reiterar uma linha editorial com o argumento de autoridade (a validação pelo entrevistado), etc. (LAGE, 2011, p. 74)

Dialogal - é a entrevista por excelência. Marcada com antecipação, reúne entrevistado e entrevistador em ambiente controlado (...). Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir das questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados. (LAGE, 2011, p. 77)

Em seu livro, Lage trata do jornalismo esportivo comparando-o ao noticiário de política. Segundo ele, o tipo de cobertura destas áreas não pode ser considerado apenas noticioso. Conforme o livro de Lage, tanto na cobertura política quanto nos trabalhos com esportes, cada acontecimento envolve todo um contexto exterior que lhe dá sentido: "a 'situação política', a 'situação no campeonato e no ranking'".

A notícia esportiva é o jogo ou a disputa. Delas as pessoas tomam conhecimento assistindo ao espetáculo ou a partir de resumos - os lances principais. Tudo mais é conteúdo de declarações e decisões, tomadas num clima de paixão, em torno das quais se propõem análises e prognósticos - a crônica desportiva. (LAGE, 2011, p. 119)

O artigo "A práxis do livro-reportagem: teoria e prática em Diálogo", de Cristiane de Azevedo Prizibiszki, ajuda a estruturar a reportagem, mesmo que seja voltado para a construção de livros-reportagem. Este artigo foi escrito com base no livro "Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura", de Edvaldo Pereira Lima, e fala sobre a monografia "Diálogo Aberto - Como são desenvolvidas, na prática, as etapas teóricas de produção do livro-reportagem", de Prizibiszki. As etapas, de acordo com o artigo, são a definição da pauta, a captação de informações (por meio de entrevistas, histórias, observação, memória) e a redação. De acordo com Lima, durante o processo de desenvolvimento, os entrevistados revelaram que o livro-reportagem precisa combinar uma série de técnicas.

De acordo com o pensamento de Lima, para compor sua mensagem visando a atingir o objetivo de capturar o leitor, o livro-reportagem deve combinar uma série de técnicas de tratamento de sua linguagem verbal, plástica e ilustrada.

Dentre os recursos sugeridos estão: a narração, a descrição, a exposição, o uso das funções de linguagem, as técnicas de angulação, o ponto de vista e, finalmente, as técnicas de edição. (PRIZIBISCZKI, 2007)

Conforme dito no artigo "Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações", de Bruno Ravanelli Pessa, "toda reportagem pressupõe investigação e interpretação". Uma grande reportagem permite que o autor aprofunde a discussão do tema em níveis extensivos e intensivos.

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. (PESSA, 2009)

Segundo Lima (2004), o aprofundamento extensivo é horizontal e, por causa desta possibilidade, o leitor passa a conhecer mais sobre o assunto. Dados, números, informações e detalhes são fundamentais neste quesito. Já o intensivo, vertical, amplia qualitativamente e leva para o leitor causas e desdobramentos do tema. "Amor assim nunca se viu: as torcidas organizadas do Vitória" é, na verdade, uma série de três reportagens que retratam diferentes realidades de um mesmo contexto. Os textos se complementam e, por isso, são apresentados unidos. No artigo de Pessa, afirma-se que o livro-reportagem pode resultar tanto de uma compilação de reportagens como de um trabalho feito exclusivamente para o livro. Ele se distingue dos demais tipos pelo conteúdo, tratamento e função.

No que versa sobre o conteúdo, seu objeto de abordagem necessariamente corresponde ao real, provido de veracidade e verossimilhança, seja uma ocorrência social já definida ou uma situação mais ou menos perene, como um estado de coisas sem um acontecimento central. Quanto ao tratamento, sua linguagem é eminentemente jornalística, formada pelo equilíbrio entre a comunicação eficiente (registro formal) e a aceitação social (registro coloquial). (...) Finalmente, o livro-reportagem serve a distintas finalidades que se desdobram dos objetivos básicos de informar, orientar e explicar, enveredando pelos diversos gêneros de jornalismo existentes. (PESSA, 2009)

A presença de tais elementos na reportagem sobre o Esporte Clube Vitória e as suas torcidas organizadas, no entanto, não define o texto como um livro-reportagem. Optei por não me valer tanto da linguagem literária e preferi me ater ao texto jornalístico. Além disso, de acordo com Pessa, a Unesco só caracteriza como livro aquela publicação que possua mais de 48 páginas, número não alcançado pelo meu produto.

4. PRODUÇÃO

Desde quando fui aceita no curso de Jornalismo da Ufba, meu sonho era trabalhar com jornalismo esportivo. Sempre admirei aqueles que conseguem transpor parte da emoção dos esportes, principalmente o futebol, para um texto escrito. Sou torcedora do Vitória e sempre tive interesse em desenvolver um trabalho sobre torcedores do clube. Frequento o Estádio Manoel Barradas e trabalho com a cobertura esportiva do rubro-negro e, dentro e fora do jornalismo, percebi a influência exercida pela Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI).

De início, o meu objetivo era traçar apenas uma análise da relação entre a TUI e o Esporte Clube Vitória. Em dezembro de 2013, nas últimas eleições para o Conselho Deliberativo do Leão, o presidente dos Imbatíveis foi eleito e passou a ocupar uma vaga na tomada de decisões do clube. Com este poder, a torcida organizada se aproximava do Vitória de um jeito inimaginável para muitas outras equipes ao redor do Brasil, que lutam para romper relações com estes grupos. Durante o processo de pesquisas e entrevistas, busquei representantes de outras torcidas e organizações relacionadas ao Vitória para que opinassem sobre o assunto e descobri que a diretoria do Leão oferece uma aproximação parecida a todas as entidades e instituições ligadas ao Vitória. Com isso, passei a avaliar melhor e percebi que o foco da notícia deveria ser a aproximação do rubro-negro com os torcedores como um todo. Em pesquisa divulgada pelo Ibope, em parceria com o jornal esportivo Lance!, o Vitória tem 2,6 milhões de torcedores em todo o país. Em contraste com estes números, os torcedores organizados e as instituições são uma pequena parcela; mesmo assim, estes grupos recebem uma atenção inédita da diretoria, especialmente em um ano de mau desempenho do time dentro de campo.

Apesar de a minha análise ser focada, principalmente, nos acontecimentos de 2014, a história é um ponto fundamental a ser discutido. Houve dificuldade em encontrar informações precisas sobre o surgimento das torcidas organizadas do Vitória e sobre a sua atuação nos primeiros anos. Sabe-se, no entanto, que estas surgiram nos anos 1940, juntamente com a ascensão do movimento no restante do país, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Por isso, tracei um paralelo entre o surgimento do futebol, dos clubes e de seus torcedores no Brasil. As torcidas organizadas, de acordo com as fontes pesquisadas, surgiram em seus primórdios como entidades ligadas aos clubes e/ou a membros de suas diretorias. Nos últimos anos, no entanto, são poucos os times que assumem ligações com estes grupos.

Além das fontes de pesquisa para entender o surgimento das organizadas, busquei também trabalhos que tratassem das relações entre os membros de tais agrupamentos. A pesquisa acabou se voltando para a antropologia, para entender principalmente os atos de violência. Os livros trabalhados – de Luiz Henrique de Toledo e Tarcyanie Cajueiro, principalmente – tratam da questão do fenômeno de massa. De acordo com os autores, os jovens, normalmente moradores de periferias e com poucos recursos, tentam encontrar uma forma de serem vistos quando se associam às organizadas. O papel da mídia, entre outros, é muito importante neste sentido: aqueles que são noticiados são notados e se tornam “heróis”. A lei também foi uma grande aliada no desenvolvimento do meu trabalho, graças às pesquisas ao Estatuto do Torcedor para saber que parte do comportamento das torcidas organizadas é corroborada pela Constituição Federal.

Por fim, parti para a coleta de informações com os líderes das torcidas organizadas. Escolhi as três mais fortes e representativas a partir das minhas observações no estádio – TUI, Camisa 12 e Viloucura – e nas movimentações de bastidores e, entre elas, pode-se perceber uma discrepância no tratamento dado pela diretoria rubro-negra. Busquei também a União de Torcedores do Vitória (UTV), instituição que tenta englobar estas entidades, inclusive com a presença de membros destas organizadas em seu alto escalão. O acompanhamento de notícias relacionadas às torcidas organizadas também foi fundamental para este desenvolvimento, já que pude seguir um novo caminho: mostrar como a mídia e os veículos soteropolitanos retratam esta realidade. Pude perceber que, ao contrário de muitos clubes que mantêm relações conturbadas com facções, o número de confrontos violentos entre as diretorias e as torcidas era muito maior. As torcidas do Vitória realizaram protestos algumas vezes durante o ano, mas se mantiveram pacíficas e, com isso, conquistaram direitos de conversa com jogadores, comissão técnica e até o presidente do rubro-negro. O Vitória, por sua vez, pretende manter a proximidade enquanto os torcedores mantenham o “respeito” – nas palavras do presidente Carlos Falcão – à instituição Esporte Clube Vitória.

A discussão também partiu para as formas de punição à torcida organizada em caso de deslizos. Todas as partes acreditam que a proibição do uso da marca seria uma medida extrema, mas o corte de benefícios pode acontecer caso o Vitória perceba que está sendo prejudicado na “parceria”. O Leão ainda se mantém alerta para os casos de violência dentro e no entorno do estádio; de acordo com o presidente rubro-negro, caso a polêmica aconteça em terreno rubro-negro, o clube terá que intervir. Sobre conflitos do lado de fora do estádio e a

rivalidade com as torcidas do Bahia, no entanto, Falcão foi taxativo e garantiu que não interferiria.

A forma de apresentação do trabalho foi uma dúvida até o momento final. Apesar de ter interesse em produzir um livro-reportagem, vi que seria mais vantajoso manter a matéria com um texto mais jornalístico. Acredito que, caso eu seguisse um caminho mais voltado para o perfil ou para os textos literários, perderia a essência do assunto. O objetivo da reportagem, no fim das contas, foi ouvir as fontes oficiais para entender a visão de diversas entidades sobre o tema. A partir do meu conhecimento dos objetos de estudo, principalmente pela minha vivência e por questões profissionais, acredito que pude traçar uma análise que abrange as principais discussões que envolvem torcidas organizadas: violência versus apoio incondicional. No Vitória, a opinião do torcedor tem sido cada vez mais ouvida e respeitada, e creio que o clube busca abrir ainda mais as suas portas para os torcedores, organizados ou não.

5. PRODUTO

A reportagem “Amor assim nunca se viu: as torcidas organizadas do Vitória” é voltada para pessoas que tenham interesse em conhecer um pouco mais da relação entre o clube e a sua torcida como um todo. Afinal, não trato apenas da presença das organizadas, mas de uma abertura maior do Vitória ao diálogo com segmentos cada vez maiores da torcida. Rubro-negro ou não, o leitor que se interessar pelo tema vai encontrar uma discussão com todos os lados. Esta relação vai além do Vitória e das torcidas organizadas. Vai desde a população carente, atendida por ações parciais, até a Federação Bahiana de Futebol e a sua relação com as torcidas.

O meu trabalho não se constitui em uma defesa das torcidas organizadas. No entanto, vejo necessidade em discutir todos os lados da discussão para compreender os benefícios e malefícios. As torcidas organizadas são fundadas em torno do clube e não tem como negar que o apoio destes grupos é de muita ajuda para os times, dentro e fora de campo. Tentei evitar o viés em prol das torcidas e acredito, inclusive, que o Vitória precisa manter uma cautela ao ceder certos espaços a líderes e membros das organizadas. Tentei ouvir todos os lados envolvidos para manter uma visão mais abrangente da relação, uma visão que fosse além das minhas observações e interesses.

Pensei neste trabalho como um caderno especial do jornal Correio*, já que esta publicação tem um maior número de produções que fogem do dia a dia noticioso dos clubes baianos. O caderno traria a reportagem de forma corrida, apenas com imagens para ilustrar a fala das fontes e a própria dimensão das torcidas organizadas. A matéria está impressa em papel A4 para dar dimensão do tamanho, já que uma lauda equivale a uma página da publicação. Com as imagens, o caderno especial passaria das 15 folhas e 30 páginas. Só com o texto, no entanto, foram 29 páginas divididas em duas colunas cada, com sugestões de olhos para a matéria.

A principal dificuldade para o desenvolvimento de “Amor assim nunca se viu” foi a dependência das fontes. Meu objetivo era me reunir com as fontes uma a uma e fazer as entrevistas cara a cara, mas poucos estiveram disponíveis. Com isso, tive que realizar a maior parte das conversas por telefone e duas aconteceram por e-mail. A última opção inviabiliza muito do trabalho da reportagem, já que o autor precisa esperar todas as respostas para conseguir continuar o seu texto – principalmente quando se fala de uma das principais fontes. A última entrevista realizada foi com o presidente Carlos Falcão por e-mail e, como a resposta

demorou muito a chegar, não pude responder com novos questionamentos, e acredito que essa dificuldade tenha me prejudicado. A tecnologia foi aliada, no entanto, para conseguir aspas do presidente do Conselho Deliberativo do Vitória: o deputado José Alves Rocha (PR-BA) vive em Brasília e, quando procurado, estava em época de campanha para a reeleição. Com mais tempo, pude replicar algumas das respostas mais vagas enviadas pelo parlamentar e pude desenvolver mais o trabalho com as informações fornecidas.

5.1 Estrutura

O meu trabalho foi dividido em três textos. “Amor assim nunca se viu: as torcidas organizadas do Vitória” leva o mesmo nome da série e, nesta primeira etapa, meu objetivo era apresentar o contexto. Falo das questões de violência das torcidas organizadas e contraponho com as ações sociais desenvolvidas com o apoio do Vitória. “Somos todos guerreiros, cantamos o jogo inteiro” apresenta a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI), a Camisa 12 e a Viloucura a partir das entrevistas feitas com seus líderes, além de pontuar questões como a relação com as antigas gestões do Vitória e uma possível democracia rubro-negra. Nesta etapa, também discuti a questão da violência, de possíveis punições a esses grupos e os benefícios fornecidos pelo clube. Além disso, ainda apresento a União dos Torcedores do Vitória (UTV) como entidade aglutinadora destas agremiações. Por fim, em “Vitória para sempre é o que nós iremos ser”, apresento o lado do clube na discussão. O presidente rubro-negro contradiz algumas das informações fornecidas pelos líderes das organizadas, mas também apresenta fatos interessantes sobre a relação de proximidade, inclusive os motivos do Vitória para esta aproximação.

6. CONCLUSÃO

O dever do jornalista é informar os leitores, e acredito que consegui alcançar este feito com a minha reportagem. Apesar de não ter seguido o caminho que eu gostaria de início, fiquei satisfeita com o produto final e com a experiência desta produção. A experiência foi muito válida, principalmente porque a minha experiência profissional é apenas com jornalismo online, e eu nunca tive a oportunidade de escrever uma matéria desta dimensão.

Acredito que a aproximação com grupos tão diferentes do que eu estou acostumada foi um dos principais ganhos para o meu currículo. Mas é isso que o Jornalismo nos proporciona: a cada dia, aprender algo diferente para passar o conhecimento adiante. Quando se trabalha com esportes, o jornalista tem que lidar com a pressão de se envolver diretamente com as paixões de boa parte da população – e, muitas vezes, dele próprio. Para a produção desta reportagem, tive que administrar a minha admiração pelo trabalho das torcidas organizadas e buscar a informação. Apesar de acreditar que o Vitória precisa de cautela ao lidar com grupos de aficionados, meu objetivo principal é transmitir a informação para que o leitor tire as suas próprias conclusões.

As torcidas organizadas surgiram no Brasil por volta dos anos 1940, enquanto cheguei cerca de 50 anos depois. Ainda há muito a ser discutido antes que se tome alguma decisão sobre o futuro destas organizações e, antes disso acontecer, a existência delas é corroborada pela lei. Como disse Gabriel Oliveira, é impossível que um dirigente acabe com o amor de uma torcida pelo clube, então é melhor que as gestões das equipes brasileiras aprendam a lidar com estes grupos como o Vitória tem feito. E o Vitória, por sua vez, precisa aprender com o resto das equipes como manter a distância quando necessário.

7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Renato Paes de; MACHADO, Eduardo Paes. **Os facilitadores da agressão em estádios de futebol no Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://www.ridcsmx.org/wp/wp-content/uploads/2011/06/paes.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

CARVALHO, Eric Luis. **Fanatismo organizado**: A rivalidade entre as duas maiores torcidas organizadas de futebol da Bahia. 2010. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/portal/wp-content/uploads/2012/01/FANATISMO-ORGANIZADO-TCC-FACOM-2010.1-ERIC-LUIS-CARVALHO-MEMORIA.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

LEANDRO, Paulo Roberto. Ba-Vi: **Da assistência à torcida**. A metamorfose nas páginas esportivas. Salvador: Facom, Ufba, 2011. Tese de doutorado para o Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Área de Concentração, Cultura e Identidade.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3ª ed. Barueri: Manole, 2004.

LUBISCO, Nídia; LIENERT, Maria. **Manual de estilo acadêmico**: monografias, dissertações e teses. Salvador: Edufba, 2008.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem**: origens, conceitos e aplicações. In: REGIOCOM, 2009, São Palo. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20C3%A9_%20para%20qu%20C3%AA%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2014.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Violência entre torcidas organizadas do futebol**. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200015&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 jan. 2014.

PRIZIBISCZKI, Cristiane de Azevedo. **A práxis do livro-reportagem**: Teoria e prática em diálogo. In: INTERCOM, XXX, 2007, Santos-SP. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1109-2.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

SANTOS, Tarcyane Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas no futebol: Razão, emoção e violência no futebol**. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.